

CRÍTICA FILME | UMA MISSA PARA DOM ANGÉLICO

POR RODRIGO FONSECA

Respeitoso perante a História, sem se ajoelhar diante dela numa reverência que a transforme em fóssil, “Uma Missa Para Dom Angélico”, de Emília Silveira, conquistou o troféu Olhar Brasil de Melhor Documentário por múltiplas destrezas no modo de narrar o que Presente é a partir de pretéritos imperfeitos de nossa nação, nos extremos do século XX.

Apresentado na abertura da competição documental da Première Brasil, no Festival do Rio, o filme cartografa a coragem daqueles que desafiaram um regime castrador e reafirma a vitalidade de um cinema capaz de revisitar o passado sem perder de vista as urgências do presente.

É um trabalho de grande rigor formal, sustentado por uma das montagens mais maduras que o documentário brasileiro de vocação histórica e biográfica produziu nos últimos anos. Há nele ecos do neorrealismo de Roberto Rossellini e de “O Evangelho Segundo São Mateus” (1964), de Pier Paolo Pasolini.

Realizadora de “Setenta” (2013) e “Callado” (2017),

Fé que faz pensar... e lutar



Emília acompanha a trajetória de Dom Angélico Sândalo Bernardino, de uma infância pobre à transformação no chamado “bispo dos oprimidos”, figura que encontrou na Igreja um território de mobilização social. Defensor do direito à moradia e de melhores condições de vida para os trabalhadores, presença ativa em manifestações populares, perseguido durante a ditadura militar e ligado ao jornal comunitário Grita Povo, Dom Angélico morreu aos 92 anos, depois de uma vida atravessada pela crença simultânea em Deus, na democracia e na possibilidade de transformação social.

Mas “Uma Missa Para Dom Angélico” está longe da hagiografia. A contribuição de Mayra



Dom Angélico viveu 92 anos acreditando ser possível unir fé em Deus e política por um mundo melhor

Almeida para o roteiro e a montagem assinada por Vinicius Nascimento e Pablo French afastam o

filme da ilustração convencional dos documentos históricos. Imagens de arquivo, orações, música,

discursos e registros da violência política encontram uma organização quase litúrgica, na qual a forma não serve apenas para organizar a memória, mas também para lhe conferir pulsação e sentido. A missa deixa de ser somente o assunto do documentário para se tornar sua própria estrutura narrativa.

A aproximação entre cristianismo, pobreza e resistência evoca Rossellini e Pasolini, mas Emília não esconde sua relação com a cinefilia. Ao contrário: reconhece que não consegue trabalhar sem referências cinematográficas. Em “Uma Missa Para Dom Angélico”, essa herança não funciona como ornamento, mas como ferramenta para pensar a fé, a desigualdade e a resistência política.

O resultado é um retrato que ultrapassa a dimensão biográfica para interrogar o papel da Igreja enquanto instituição de poder e espaço de acolhimento, assim como a capacidade humana de enfrentar a opressão. A montagem, decisiva para a construção desse percurso, acabou por determinar até o título do filme.

PARABÉNS AOS PREMIADOS. MAS QUEM VENCEU MESMO FOI O AUDIOVISUAL NACIONAL.

NASCEU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, DO CORREIO DA MANHÃ: UMA ESTATUETA, UM JÚRI DE JORNALISTAS E UM OLHAR DEDICADO AOS FILMES QUE LEVAM A PLURALIDADE DE UM PAÍS QUE É MUITOS BRASIS. CONHEÇA OS VENCEDORES:



Realização:

Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita